

## DISCURSO PARA FORMANDOS DO DIREITO DO IESB 2/2014

Magnífica Reitora do Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília

- nosso IESB, Professora Doutora Eda Coutinho Barbosa Machado de Souza,

Ilustríssima Coordenadora do Curso de Direito, Professora Any Ávila Assunção,

Ilustríssimos senhores professores, familiares e amigos dos formandos,

Ilustríssimos bacharéis e licenciados em Relações Internacionais, Psicologia e

Tecnologia de Jogos Digitais e, especialmente, Ilustríssimos bacharéis em Direito que recebem agora o grau merecido, de curso laureado com a nota máxima dentre os cursos jurídicos brasileiros e que mais

ainda valoriza os diplomas entregues, meus queridos alunos de ontem e colegas de

amanhã, o diploma recebido não significa o fim de uma jornada, mas o início.

Não há, com o grau agora recebido de bacharel em Direito, nenhum de vocês já formado

como magistrado, advogado, defensor público, promotor ou procurador, delegado ou

assessor jurídico.

As conquistas que o grau de bacharel lhes confere apenas miram, a partir de hoje, novos

rumos nas carreiras que irão seguir ou, quando menos, numa nova perspectiva de vida.

O curso de Direito não se encerra com a leitura e o decorar leis, mas se firma no

conhecer as teorias que regem a sistemática processual, os princípios que regulam a

sociedade, antes do que seja dito pelas normas escritas, numa aceitação do certo e do

errado pelos Homens de bem para a formação de uma sociedade justa.

Envolve, sobretudo, conhecer o ser humano, seus conflitos, suas vontades, seus desejos.

O desejo pela mulher amada que se rompe por vezes no desatino do crime passional. A

vontade de vencer sem limites a confrontar interesses de outros. O desejo de ser dono do

seu corpo quando ele também já está no domínio de alguém recém-concebido. A vontade

de ser mãe ou de ser pai que apenas o contorno ético pode permitir realizar. O desejo de

ser saudável, de ser educado, de ter uma chance antes negada a outros que lhe

antecederam. A vontade de gritar suas ideias sem receios. O desejo de não ser afrontado

em suas orientações, crenças e ideais. A vontade de ser o que quiser. O desejo de não perecer por ideias e opiniões nem de se deixar subjugar por outras alheias.

Com isso lidamos aqueles que militamos na seara do Direito: com nossos egoísmos, nossas falhas, nossas contradições como Seres Humanos, que nos fazem esbarrar em outros acreditando estarmos certos e por muitas vezes sermos nós os errados.

Por isso, a cada segundo, a cada girar deste planeta errante, quando novos desejos são estabelecidos, por vezes antes desconhecidos, frutos da mídia, da propaganda ou da mera inveja em possuir o quê possuído por outros, mudam também as premissas do que seja o certo e o errado, do permitido e do proibido, do regulado ou do esquecido, a confundir se podemos ou não agir ou nos omitir, falar ou silenciar.

Na verdade, os que efetivamente estudam o Direito nunca encerram seus estudos, porque o Direito envolve o contínuo reinterpretar de normas e princípios, de constante reexaminar as vontades contrapostas de cada sujeito na Sociedade, de buscar algo além das leis para encontrar apenas a resposta nunca definitiva do que seja o Justo.

O Curso de Direito lhes contrapõe o descobrir as vontades, o evidenciar as pretensões e as resistências, o indicar como definir os conflitos e encontrar as soluções que possibilitam à sociedade avançar naquilo que nos diferencia dos demais animais: a regulação de limites que nos permitem conviver e abominar certas condutas por fora do natural, desde que a civilização passou a diferenciar o ajuntamento de pessoas em famílias, clãs, tribos, nações, não necessariamente segundo o comando das leis, mas por vezes o que se mostra revelado como regulado implicitamente nos costumes firmes ou no mero e mais saudável bom senso do que seja importunar ou não o outro alguém.

E evoluir, sempre.

Esqueçam as leis decoradas, porque elas mudam constantemente. Muitas das leis que estudaram já estão revogadas ou estarão no futuro, neste País em que nossos legisladores propagam o sucesso de sua atividade em produzir mais e mais normas, quando feliz é a Nação que pouco tem de leis a regulá-la, porque apenas assim, sem o

cabedal de catálogos normativos é que pode efetivamente prevalecer a premissa de que ninguém pode alegar desconhecer a lei. Afinal, como conhecer milhares de normas federais e locais, que se somam a outras centenas ou milhares a cada ano, numa profusão de novos regulamentos estabelecidos ou em revogações mal estabelecidas? Por isso, o Direito é mais que a norma legal: é a busca do Justo dentro do mais abstrato que há no que seja o bom senso, na própria contradição do que seja para cada um de nós. Numa Sociedade carente de tudo como a nossa, terão agora, novos Bacharéis, que buscar no primado do Direito a consagração da Justiça.

Para isso, não poderão ser covardes nem quietos, nem poderão ser presunçosos ou desleixados no agir ou no calar.

Aos que buscarem a Advocacia, não se esqueçam nunca que estarão a materializar as vontades dos seus clientes, sejam as de pretensão, sejam as de resistência, e nesse conflito de interesses não confundam outros colegas adversários como se fossem inimigos num ringue de luta, porque o Direito envolve exatamente o contínuo extravasar dos limites da vontade de cada um em relação aos interesses de outrem, pois nem sempre a razão buscada será aquela reconhecida. Por isso, o agir sempre com ética e lealdade, mas sem se silenciar, sem recear buscar convencer o juiz da causa, sem recear incomodar. Sejam, futuros advogados, éticos e leais, mas também chatos e insistentes, sem serem inoportunos ou levianos, porque a causa de seus clientes dependerá da sua vontade em movimentar o processo à mesa do juiz ou tribunal para a oportuna decisão.

Aos que buscarem a Defensoria Pública, mirem a atenção nos clientes que não lhes deverão honorários, mas lhes pagarão com o sorriso de quem lhes confiou suas vidas e interesses, e por isso não ajam com a empáfia de quem acredita saber tudo, mas com a humildade maior de quem, não tendo nada, tudo lhes ensinará para agirem em prol de interesses e direitos por vezes achados mínimos para muitos, quando muito é para quem lhes procurar.

Aos que buscarem a Advocacia Estatal, não se esqueçam nunca que não serão

causídicos de governantes, mas dos governados, e ainda quando devam defender os atos administrativos daqueles não percam de vista a legalidade que deve emergir de tais condutas, neguem-se a compactuar com o errado, busquem marcar suas carreiras com a diretriz da Constituição e das Leis que se obrigam desde já a honrar e a fazer respeitar. Aos que buscarem a atividade policial ou como membro do Ministério Público, seja na investigação penal, seja na investigação não-penal, seja ainda depois nas ações que decorram de tais inquéritos, não se esqueçam nunca de que não representam Governos ou Partidos Políticos, mas, numa atividade essencial ao Estado, representam os interesses da própria Sociedade ou assim devem agir em prol dela. Por isso, o atuar sempre com ética e lealdade, sem se submeter, jamais, a correntes ideológicas, porque a Sociedade somos todos nós e não frações que pensem de um ou de outro modo ou as que emergem em momentos meramente eleitorais, porque antes somos todos um só País.

Aos que buscarem a Magistratura, não se esqueçam nunca de que não são divinos, mas julgarão outros iguais como se a buscar um poder supremo de decidir a vida das pessoas. Ser juiz é estar sempre errado, quando menos na visão de quem perde a demanda. Para esses, não serão nunca justos, e mesmo em relação aos que ganham, sempre serão criticados por terem demorado no decidir, como se o Direito fosse algo certo, preciso, e como se pronunciar a Justiça pudesse ser algo leviano.

Acertar não é próprio dos que militam na Justiça ou em nome dela, mas buscar errar o menos possível.

Com efeito, mesmo o Supremo Tribunal Federal, nossa mais Alta Corte de Justiça, decide por vezes por maioria, sem significar que os vencidos estão errados, mas apenas que não ficaram convencidos ou não conseguiram, naquele momento, convencer. Por vezes, a minoria de hoje se transforma, tempos depois, na corrente majoritária, sem que se possa indicar que a interpretação havida anos, décadas ou séculos antes estivesse errada, mas apenas que não fora a outra posição a acertada ao tempo do julgamento.

Não fosse assim, os tribunais não precisariam ser colegiados, mas a voz de um único juiz que, na sua vontade absoluta e arbitrária, seria o oráculo da verdade, como aliás se propaga nas ditaduras mais infames e também nas mais disfarçadas, onde o magistrado não julga segundo sua convicção acerca do justo, mas sob a premissa do ditado por algum tirano de plantão, subjugado e vencido sem prerrogativas próprias à Magistratura. E não basta transpor isso para os regimes totalitários mais flagrantes, porque mesmo as democracias mais firmes se dobram quando não há Homens de bem na defesa do Direito e da Justiça, quando sob a premissa do popular se rasgam a Constituição e as Leis no indicativo de ser essa a suposta voz de todos, quando o povo então já se terá calado, sucumbido pela força das benesses e das promessas que enganam os fracos, e a voz se revela, então, ser apenas a de algum grupo ou a de um só sujeito.

Sejam pois, novos Bacharéis, fortes na vontade de defender a Sociedade, porque, dentre todas as profissões, os que exercem as atividades ligadas ao Direito são ungidos pela Constituição como seus guardiões e assim como defensores da própria ideia de Nação. Mesmo os que se formem apenas para buscar o título que se lhes assegura o diploma entregue, sejam fortes na defesa deste País, porque mais que as armas, a palavra é capaz de dobrar os idiotas, de convencer os indecisos, de fortalecer os justos.

Por isso, sejam leais e éticos com as palavras que enunciarem doravante, porque sem um tiro nem agressões podem começar uma revolução: a revolução das ideias, a evolução das normas e costumes, a alavanca para este País um dia guardar o lugar que merece no Mundo e não apenas servir como ponto para um nada, vilipendiado por seus próprios filhos que lhe tiram tudo e na terra arrasada dizem ainda poder prosperar a semente dela arrancada.

Reverenciem a Justiça e honrem a toga ou a beca que vestirem doravante, porque mais que o ritual que nos diferencia, nossas vestimentas talares simbolizam um sacerdócio em busca do certo e não um sacrilégio que alguns, no afã de autorizados a invocarem um suposto direito, vilipendiam no escrever petições e defesas prolixas e sem nexos algum,

agressivas a magistrados e a outros colegas, incompreensíveis para a demonstração do que possa ser o interesse da parte que representam.

Por isso, não compreendam mal minhas palavras, porque na insistência do que tenho dito quanto a seus futuros afazeres jurídicos, repito que não se percam para as palavras vãs, mal educadas ou levianas, em que a Justiça passa a ser um palco de guerra de operadores do Direito perdidos em suas mais pequenas vaidades. Porque sejam orgulhosos em enaltecer terem lutado com brios pelos interesses de quem representam ou de terem buscado, como julgadores, a sentença mais justa e imparcial, mas nunca odiados por usarem mal as armas que se colocarão doravante nos papéis que escreverão. As centenas de faculdades de Direito tem jogado no mercado milhares de novos bacharéis a cada ano, nem sempre com o olhar crítico que o diploma envolve. Por isso o pedido mais humilde de quem os acompanhou há pouco e daqueles que comigo lhes ministraram outras disciplinas: diferenciem-se sendo excelências além dos tratamentos que lhes serão devidos, mas no trato com os demais que se envolvem com a Justiça. Sejam éticos e leais. Sejam tranquilos. Sejam exemplos. Sejam felizes com o que fazem.

Queridos bacharéis em Direito que oram se graduam, são todos doravante sementes de um futuro melhor, nesta terra em que se devem semear novas ideias e o ideal de um País melhor.

Queridos alunos, doravante já não serei o professor, mas a memória do que lhes possa ter ensinado, como os tantos mestres que ministraram as disciplinas necessárias para chegarem a este dia de glória.

Em muitos anos como professor desta nobre e querida Instituição, agora vejo algo mais que alguns excelentes alunos: uma turma coesa de entusiastas com o Direito e futuros colegas, espero, na defesa da efetiva Justiça.

Concluo com um poema escrito por mim para este agora, porque assim me pediram alguns que foram além dos meus ensaios jurídicos para encontrar no mundo virtual

também outros de meus escritos, aqueles que envolvem os desvarios do que se

imaginam poetas:

"A vida não é poesia,

Não é justa.

Quando encontramos a resposta

Estamos quase de saída.

A vida é procura

E por vezes encontros

Desatinos e loucuras

Escuro ou luz.

A vida não é nada

No tudo de nossos dias

Inacabados e incompreendidos

De contado esperar.

A vida é mero poema

Largado entre outros

Perdidas palavras

E perdidos eus em busca de outro alguém.

A vida não é dádiva

Se o dia findo nada vale

E fica esquecido

Nesse mundo enlouquecido.

Porque a vida é o contínuo julgar

de nós mesmos

nesse eterno e insano tribunal

em que agimos todos

e ao mesmo tempo

Como promotores num acusar perene  
dos nossos próprios erros  
Como advogados num defender convictos  
apenas os nossos poucos acertos  
Como juízes a enunciar, sempre,  
o veredicto de nossa própria condenação  
em vivermos a aprender  
mais que a ensinar.

Porque a vida é momento

Como agora

E em toda hora

Que se guarda para sempre

Marcado

Como o ponto inicial

Para algo melhor

Mais adiante

Noutro regozijo

De efetiva e constante

Felicidade.”

Nos sorrisos que vislumbro, guardarei as aulas em que, mais que ensinar, aprendi muito.

Continuem sorrindo. Sejam felizes. E muito obrigado pelo que também me ensinaram.

"Carpe diem".